
O Jornalismo insurgente na produção feminina negra do Correio Nagô¹

André Luís Oliveira de Santana²

RESUMO

A análise da atuação do Correio Nagô, por meio do testemunho da jornalista Donminique Azevedo, editora-chefe do veículo entre 2017 e 2019, permite compreender como a imprensa negra, quando produzida a partir de perspectivas femininas e interseccionais, atua como prática insurgente e epistêmica. Tal produção desafia os paradigmas hegemônicos da objetividade jornalística, deslocando o foco da neutralidade para a escuta, o engajamento e o reconhecimento das subjetividades como elementos constitutivos da narrativa jornalística. O depoimento da jornalista é aqui relacionado à ideia de jornalismo insurgente e drible, propostos por Moraes e Lima (2023), entre outros autores que ajudam a pensar a imprensa negra como formação de sentidos e subjetividades alinhadas às demandas da população negra por cidadania.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa negra; jornalismo de subjetividades; midiativismo; jornalismo insurgente; Correio Nagô.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida a entrevista concedida por Donminique Azevedo, ex-editora-chefe do portal Correio Nagô, a fim de investigar como a imprensa negra digital opera práticas jornalísticas insurgentes que articulam subjetividade, ativismo e mediação simbólica. Criado em 2008, o Correio Nagô tem atuado como um veículo de referência na cobertura de pautas racializadas, atuando na interface entre jornalismo, militância e produção cultural negra. A escuta do depoimento de Azevedo busca, no sentido do jornalismo insurgente (MORAES E LIMA, 2023), a restituição do corpo ao jornalismo e o posicionamento desse corpo diante do mundo. Assim, as práticas jornalísticas do Correio, podem ser vistas como “drible” que se manifesta tanto em ações individuais de jornalistas em redações tradicionais, quanto em iniciativas coletivas para fazer frente às tendências hegemônicas e desumanizantes.

A entrevista com a jornalista Donminique Azevedo contribui para compreender o papel da imprensa negra independente na construção de subjetividades e narrativas contra-hegemônicas no jornalismo digital contemporâneo. A partir de sua trajetória e da produção

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Freitas. Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), tendo realizado estágio doutoral no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTe), sob supervisão da professora doutora Cristina Roldão.

do veículo, analisam-se práticas jornalísticas que articulam ativismo, escuta sensível e ética. O estudo dialoga com os conceitos de jornalismo de subjetividades (MORAES, 2019), escrevivência (EVARISTO, 2005) e estratégias sensíveis (SODRÉ, 2009), situando o Correio Nagô como um espaço de resistência simbólica, construção de memória e mediação política das demandas do movimento negro. As produções do portal revelam tensionamentos com os modelos tradicionais de objetividade jornalística e apontam para uma prática engajada que afirma a centralidade das experiências negras na disputa por visibilidade pública.

METODOLOGIA

O estudo, ainda em andamento, é parte da pesquisa de doutorado em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, e adota como metodologia a análise qualitativa de conteúdo, com foco em coberturas realizadas pelo Correio Nagô entre 2011 e 2021 sobre o Julho das Pretas. Foram analisadas matérias, entrevistas, agendas e videoreportagens publicadas no portal e em suas redes sociais. A entrevista semi-estruturada com Donminique Azevedo é utilizada como fonte primária para compreender as escolhas editoriais, os desafios enfrentados e as estratégias narrativas do veículo. As produções foram examinadas com base em categorias como linguagem, fontes, convergência midiática, participação comunitária e subjetividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise dialoga com os conceitos de jornalismo de subjetividades, de Fabiana Moraes (2019) e jornalismo insurgente (MORAES e LIMA, 2023) que propõe uma abordagem ética e engajada no fazer jornalístico, rompendo com a neutralidade como mito universal. A ideia de escrevivência, de Conceição Evaristo (2005), contribui para pensar a implicação do sujeito na produção narrativa como forma de memória e resistência. Muniz Sodré (2009) oferece a base para discutir a comunicação como lugar de constituição de sujeitos e a imprensa negra como espaço de afetos e do sensível nas disputas simbólicas. Também se considera o papel da imprensa negra (PINTO, 2010) como ferramentas de insurgência epistêmica. Por fim, o Correio Nagô, como produto do ativismo do Instituto Mídia Étnica, revela a associação entre a imprensa negra e as demandas históricas das organizações do movimento negro, em uma ação midiativista (FREITAS, 2022).

PRINCIPAIS RESULTADOS

A atuação do Correio Nagô revela práticas jornalísticas comprometidas com a escuta, a diversidade de fontes e o engajamento político. Coberturas como as do Julho das Pretas e do

20 de Novembro evidenciam o esforço em atualizar pautas negras anualmente, afirmando a centralidade da memória e da ancestralidade. Azevedo destaca o compromisso com a verdade factual, mesmo em situações sensíveis, e a escolha consciente de narrar a partir de uma perspectiva negra, crítica e comunitária. As limitações estruturais dos veículos negros, como a ausência de suporte jurídico e a vulnerabilidade diante de pressões externas, reforçam os desafios enfrentados por mídias contra-hegemônicas no Brasil. Ainda assim, o Correio Nagô configura-se como um espaço de disputa simbólica que tensiona os modelos dominantes de produção jornalística, afirmando uma ética do cuidado e da representação integral de grupos historicamente silenciados. O depoimento de Azevedo reforça como as resistências e re-existências, práticas e simbólicas, fazem emergir outras epistemes a partir das quais é possível construir estratégias e, assim, outras narrativas (MORAES e LIMA, 2023).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências: escrevendo a vida*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Escrevivência: literatura, crítica e política nas obras de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Mazza, 2017.

FREITAS, Ricardo. *Midiativismo e protagonismo negro na comunicação*. São Paulo: Dandara, 2022.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MORAES, Fabiana. *Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral*. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

MORAES, Fabiana; LIMA, Verônica Maria Alves. *Jornalismo como drible: estratégias insurgentes e silenciosas na revalorização do campo*. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Atica. Acesso em: 13 jun. 2025, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 2009.